

# A *uberização* do psicanalista e os perigos para a psicanálise e a Escola: do amor pelo saber à paixão da ignorância<sup>1</sup>

Raul Albino Pacheco Filho

## Resumo

Discutem-se os perigos, para a psicanálise, seu discurso e a Escola: a) das constantes ameaças de regulamentação da profissão de psicanalista; b) da multiplicação de ofertas precárias pretensamente relacionadas com a formação de psicanalista; c) das contratações de psicanalistas como trabalhadores prestadores de serviço por clínicas privadas, em regime de trabalho informalizado e remunerado por número de atendimentos realizados. Propõe-se que essas ameaças derivam-se do discurso capitalista, que funciona como um buraco negro, exercendo força gravitacional imensa sobre qualquer formação discursiva distinta em seu raio de alcance: sugando e submetendo tudo à dominância hegemônica de sua estrutura de ordenamento de gozo. O capitalismo caracteriza-se pela aversão ao amor e ao saber, ao produzir um sujeito que: a) não se interroga sobre a fantasia de que a mercadoria dá conta do seu desejo e gozo; b) não questiona a origem da “programação” que articula mercadorias ao objeto causa do desejo; c) desinteressa-se pelo inconsciente. “Não quero saber nada disso” é o norte da sua vida, guiado pela “paixão da ignorância”. Ainda que o ofício do psicanalista seja orientado pelo amor, pelo saber e pela ética do desejo, o discurso capitalista constitui uma ameaça sempre presente de cooptação e destruição de sua ética e discurso. Regular a prática psicanalítica e padronizar sua formação nos moldes de uma profissão é a via para a sua mercadorização (ou pior, para sua *uberização*) e para a eliminação da subversão que ela sustenta como furo: a fissura que indica que, ao capitalismo, falta um coração.

## Palavras-chave:

Psicanálise; Formação; Discurso capitalista; Discurso do analista; Mercadoria.

---

1 Uma versão condensada deste trabalho foi apresentada com o mesmo título no XXII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL-Brasil) (“A psicanálise e as paixões do ser: amor, ódio, ignorância”), realizado em novembro de 2022 em Curitiba (PR).

## **The *uberization* of the psychoanalyst and the dangers for Psychoanalysis and the School: from the love of knowledge to the passion of ignorance**

### **Abstract**

The dangers for Psychoanalysis, its discourse and the School are discussed: a) the constant threats of regulation of the psychoanalyst profession; b) the multiplication of precarious offers allegedly related to psychoanalyst training; c) the hiring of psychoanalysts as workers service providers by private clinics, in an informal work regime and paid according to the number of consultations performed. It is proposed that these threats derive from the capitalist discourse, which works like a black hole exerting immense gravitational force on any distinct discursive formation within its reach: sucking and submitting everything to the hegemonic dominance of its structure of *jouissance* ordering. Capitalism is characterized by an aversion to love and knowledge, as it produces a subject who: a) does not question himself about the fantasy that merchandise is capable of fulfilling his desire and enjoyment; b) does not question the origin of the “programming” that articulates goods to the object cause of desire; c) is not interested in the unconscious. “I don’t want to know anything about it” is the north of his life, guided by the “passion of ignorance.” Although the psychoanalyst’s craft is guided by love, knowledge and the ethics of desire, the capitalist discourse constitutes an ever-present threat of co-optation and destruction of its ethics and discourse. Regulating psychoanalytic practice and standardizing its training along the lines of a profession is the path to its commodification (or worse, to its *uberization*) and to the elimination of the subversion that it sustains as a hole: the fissure that indicates that capitalism lacks a heart.

### **Keywords:**

Psychoanalysis; Training; Capitalist discourse; Analyst’s discourse; Merchandise.

## **La *uberización* del psicoanalista y los peligros para el Psicoanálisis y la Escuela: del amor al saber a la pasión de la ignorancia**

### **Resumen**

Se discuten los peligros para el Psicoanálisis, su discurso y la Escuela: a) de las constantes amenazas de regulación de la profesión de psicoanalista; b) de la multiplicación de ofertas precarias supuestamente relacionadas con la formación de psicoanalistas; c) de la contratación de psicoanalistas como prestadores de servicios por clínicas privadas, en régimen de trabajo informal y remunerado se-

gún el número de consultas realizadas. Se propone que estas amenazas derivan del discurso capitalista, el cual funciona como un agujero negro ejerciendo una inmensa fuerza gravitatoria sobre cualquier formación discursiva distinta a su alcance: succionando y sometiendo todo al dominio hegemónico de su estructura de ordenamiento del goce. El capitalismo se caracteriza por una aversión al amor y al conocimiento, pues produce un sujeto que: a) no se cuestiona sobre la fantasía de que la mercancía es capaz de colmar su deseo y goce; b) no cuestiona el origen de la “programación” que articula las mercancía al objeto causa del deseo; c) no le interesa el inconsciente. “No quiero saber nada de eso” es el norte de su vida, guiado por la “pasión de la ignorancia”. Aunque el oficio del psicoanalista está guiado por el amor, el conocimiento y la ética del deseo, el discurso capitalista constituye una amenaza siempre presente de cooptación y destrucción de su ética y discurso. Regular la práctica psicoanalítica y estandarizar su formación en el sentido de una profesión es el camino a su mercantilización (o peor, a su *uberización*) y a la eliminación de la subversión que sostiene como un agujero: la fisura que indica que el capitalismo carece de corazón.

### **Palabras clave:**

Psicoanálisis; Formación; Discurso capitalista; Discurso del analista; Mercancía.

## ***L'ubérisation du psychanalyste et les dangers pour la psychanalyse et l'École : de l'amour du savoir à la passion de l'ignorance***

### **Résumé**

Les dangers pour la psychanalyse, son discours et l'École sont discutés : a) les menaces constantes de régulation de la profession de psychanalyste ; b) la multiplication des offres précaires prétendument liées à la formation de psychanalyste ; c) l'embauche de psychanalystes en tant que ouvriers prestataires de services par des cliniques privées, en régime de travail informel et rémunérés en fonction du nombre de consultations effectuées. Il est proposé que ces menaces dérivent du discours capitaliste, qui fonctionne comme un trou noir exerçant une immense force gravitationnelle sur toute formation discursive distincte à sa portée : aspirant et soumettant tout à la domination hégémonique de sa structure de gouvernement de la jouissance. Le capitalisme se caractérise par une aversion pour l'amour et la connaissance, car il produit un sujet qui : a) ne s'interroge pas sur le fantasme que la marchandise est capable d'assouvir son désir et sa jouissance ; b) ne remet pas en cause l'origine de la « programmation » qui articule les biens à l'objet cause du désir ; c) ne s'intéresse pas à l'inconscient. « Je ne veux rien en savoir » est le nord de sa vie, guidé par la « pas-

sion de l'ignorance ». Bien que le métier du psychanalyste soit guidé par l'amour, la connaissance et l'éthique du désir, le discours capitaliste constitue une menace omniprésente de cooptation et de destruction de son éthique et de son discours. Réglementer la pratique psychanalytique et standardiser sa formation à l'image d'une profession, c'est la voie de sa marchandisation (ou pire, de son ubérisation) et de l'élimination de la subversion qu'elle entretient comme un trou : la fissure qui indique que le capitalisme n'a pas de cœur.

### **Mots-clés :**

Psychanalyse ; Entraînement ; Discours capitaliste ;  
Discours de l'analyste ; Merchandise.

O ofício de psicanalista articula-se ao desejo e também ao amor, uma vez que a análise é uma prática que incide sobre o amor, o desejo e o gozo. É essencial, contudo, distinguir-se como aí se incluem esses três termos, uma vez que, diferentemente do desejo, o amor inclui-se entre as paixões do ser, juntamente com o ódio e a ignorância:

É somente na dimensão do ser, e não do real, que podem se inscrever as três paixões fundamentais — na junção do simbólico e do imaginário, essa fenda, se vocês quiserem, essa aresta, que se chama o amor — na junção do imaginário e do real, o ódio — na junção do real e do simbólico, a ignorância. (Lacan, 1953-1954/1986, pp. 308-309)

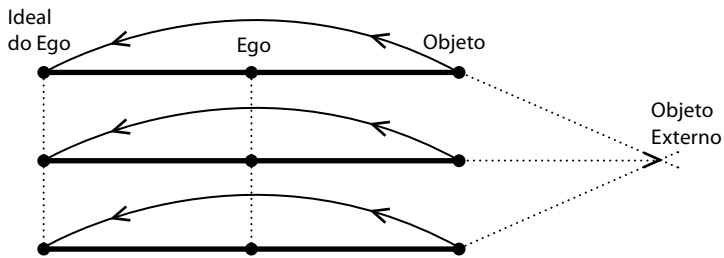
O *modus operandi* da prática analítica conjuga amor de transferência e amor ao saber, que o analisante demanda ao analista. Porém, a aspiração ao amor é “ser amado tão longe quanto possa ir a completa subversão do sujeito numa particularidade e no que essa particularidade possa ter de mais opaco, de mais impensável” (Lacan, 1953-1954/1986, p. 315). Daí que, mesmo sendo essencial a transferência em uma análise (ela é a estratégia), a resposta do analista diante dessa demanda seja oferecida a partir de outro lugar: o de semblante de objeto causa do desejo.

Além disso, a articulação entre amor e desejo assume uma forma específica no ofício de psicanalista, pois, ao final de uma análise, o amor de transferência deve dar lugar ao desejo do analista.

É o desejo do analista que orienta um psicanalista em sua práxis. E ele é diferente do desejo inconsciente “daquele psicanalista”, já que sua diretriz não é a fantasia inconsciente do psicanalista: o desejo do analista está conectado a um saber sobre o objeto *a*. Trata-se de um desejo inédito em relação ao desejo inconsciente e não bem tolerado pela civilização, que, em tantas ocasiões, guiada pela paixão da ignorância, só quer obturar a falta e a castração.

O desejo do analista difere de um ideal e de uma demanda de qualificação profissional: do “querer ser” psicanalista. No caso do ideal de ser psicanalista, o objeto vem ao lugar do ideal do eu, conforme o esquema da psicologia das massas desenvolvido por Freud:

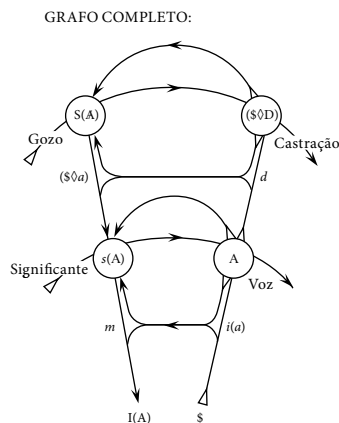
Figura 1. Esquema da psicologia das massas.



Fonte: Freud (1921/1980, p. 147).

Ao remeter a demanda do sujeito à pulsão, uma análise visa a separar o objeto *a* do ideal do Eu e da identificação e assim liberar o sujeito do circuito infernal da demanda e do aprisionamento no eu ideal (conforme o patamar inferior do grafo do desejo) (Lacan, 1960/1998, p. 831). “Quem não sabe que foi ao se distinguir da hipnose que a análise se instituiu? Pois a mola fundamental da operação analítica é a manutenção da distância entre o I [I maiúsculo idealizante da identificação] e o *a*” (Lacan, 1964/1988, p. 257).

Figura 2. Grafo do desejo.

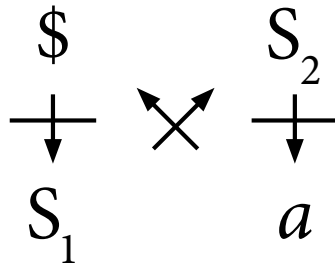


Fonte: Lacan (1960/1998, p. 831).

Embora a transferência desvie a demanda, da pulsão para a identificação, o desejo do analista em uma análise reconduz a demanda do sujeito à pulsão. E a pulsão é o plano em que se pode presentificar a realidade do inconsciente: o que se pode constatar no grafo do desejo.

O ofício de analista e sua práxis só poderiam ter surgido com o capitalismo e sua ciência. Mas o discurso do analista é o avesso do discurso capitalista. O aparelhamento de gozo deste produz um sujeito com seu desejo e pulsão fixados aos objetos-mercadorias, como se vê na seta que liga o sujeito ao objeto mais-de-gozar (objeto *a*) no discurso do capitalista (Lacan, 1972).

Figura 3. Discurso do capitalista.



Fonte: Lacan (1972, *online*).

No capitalismo, a insatisfação que é estruturalmente constitutiva do sujeito humano é posta a serviço do consumo de mercadorias, de modo a manter em funcionamento a totalidade do sistema econômico, político e social. O capitalismo realiza por meio da mercantilização e da forma de valor das mercadorias — da qual a forma equivalente geral e a forma dinheiro constituem o mais alto grau de complexidade e desenvolvimento — a virtualização de todo objeto e também de todo vivente. (Pacheco Filho, 2015, p. 30)

O sujeito do capitalismo não sabe mais quem é o S1 (significante mestre). Onde está ele e como nomeá-lo, se o capital e o mercado são anônimos, ainda que com um poder concreto e eficaz? É um sujeito que não se interroga sobre a fantasia de que a mercadoria dá conta de seu desejo e gozo e que não questiona a origem da programação de gozo que articula mercadorias ao objeto causa do desejo: o discurso capitalista. Por isso mesmo é que ele se desinteressa ou nem mesmo se dá conta do inconsciente.

Este é o sujeito produzido pela aceleração da alienação ao Outro do Mercado: alguém mergulhado na paixão da ignorância e incapaz de conceber a

possibilidade de outra forma de sociedade. Para ele, o presente corresponde à totalidade da história.

Falando agora sobre a formação do psicanalista, devemos destacar que se trata de uma formação *sui generis*. E isso porque ela se realiza, fundamentalmente, a partir da análise do psicanalista. Aí está a essência de sua formação, ainda que se devam acrescentar a isso o estudo da teoria, as supervisões de casos clínicos e a interlocução com os demais psicanalistas. É da análise do psicanalista que advém isso que podemos encontrar, em Lacan, como sendo o desejo do analista: “Ele está autorizado para dizê-lo, enquanto analista, enquanto produziu-se, para ele, uma mutação na economia de seu desejo” (Lacan, 1960-1961/1992).

Como diz Cottet (1982/1989), o desejo do analista não é o desejo pessoal de um psicanalista. Trata-se de uma função essencial para que o psicanalista possa conduzir uma análise. É colocando seu desejo pessoal em suspenso e mantendo-o longe da direção da análise que essa função poderá assumir a condução do processo. Ao manter seu desejo pessoal à parte de sua resposta como analista, o psicanalista pode reservar o espaço da análise para a expressão das alienações do desejo do analisante. A estrutura do processo analítico não se articula a uma dialética da intersubjetividade. Aí não há lugar para o psicanalista como sujeito: só há lugar para o sujeito analisante e sua fantasia ( $\$ \diamond a$ ). É da posição de objeto que o analista conduz uma análise e sustenta seu discurso.

Figura 4. Discurso do analista.

$$\frac{a}{S_2} \longrightarrow \frac{\$}{S_1}$$

Fonte: Lacan (1969-1970/1992, p. 37).

E a única condição capaz de viabilizar que um analista possa assumir essa posição no processo analítico é sua própria análise: “Não há senão uma psicanálise, a psicanálise didática — o que quer dizer uma psicanálise que tenha fechado esse cerco até seu termo” (Lacan, 1964/1988, p. 258). É por ser advento de uma análise que essa função chamada desejo do analista não pode ser algo “construído” nas salas de aula de uma universidade e muito menos em um curso qualquer, segundo consenso entre os psicanalistas e as instituições psicanalíticas com reputação e integridade reconhecidas.

Foi esse consenso que ensejou a formação do “Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras”, em 2000, para se opor às tentativas de regu-

lamentação da profissão de psicanalista pelo Estado: tentativas periodicamente encetadas por parte de parlamentares que representam os interesses de grupos interessados em transformar a formação de analista em um mercado lucrativo. Um manifesto de 2021 repudiando a criação de curso de bacharelado em psicanálise esclarece as razões dessa posição:

Nós, do Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, que reúne há mais de 20 anos instituições que têm como ponto central sustentar a psicanálise como prática leiga e laica, manifestamos nossa preocupação com a divulgação recente de um curso de Psicanálise [em nível de graduação e com titulação de bacharelado]. (...) A formação em Psicanálise decorrente da análise pessoal, da leitura crítica da teoria e das reflexões clínicas, se dá sempre de modo singular, não cabendo em programas fixos e comuns para todos, em um tempo pré-determinado. (...) O campo da Psicanálise, assim como o Movimento Articulação, são caracterizados [sic] pela diversidade, fato que comemoramos, tendo como ponto em comum conceitos psicanalíticos de base que delimitam o campo, entre eles, a singularidade no processo de formação, que se dá um a um e que possibilita estabelecer com o saber um modo de relação que diverge daquele propiciado pela transmissão efetuada nos moldes acadêmicos. (Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, 2021)

Considere-se que o Movimento Articulação inclui mais de 60 instituições psicanalíticas socialmente reconhecidas por sua notoriedade e representatividade do campo psicanalítico brasileiro, tendo sido apoiado, na ocasião de sua constituição, em 2001, também pelo Conselho Federal de Psicologia, pelo Conselho Federal de Medicina, pela Associação Brasileira de Psiquiatria, além de por programas de pós-graduação e redes universitárias brasileiras em psicanálise (Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, 2001).

Considere-se ainda que uma nota de repúdio à oferta de curso de bacharelado foi distribuída, também no mesmo ano 2021, pela Frente em Defesa da Universidade e da Ciência (Freduc) (2021): nota subscrita por 50 programas de pós-graduação, núcleos e laboratórios de pesquisa em psicanálise no Brasil e por mais de 180 pesquisadores e professores universitários brasileiros do campo da psicanálise.

Como regulamentar uma práxis que não depende de um currículo adequado, de um número determinado de horas de aula e estágios e que ocorre em um processo que produz analistas “um a um”, cada qual com seu estilo único e singular?

Na origem da psicanálise, o psicanalista era um profissional autônomo, conduzindo sua clínica em troca de um pagamento diretamente realizado por seus



analistas. Desse modo, conduzia seu ofício em exterioridade às relações de produção capitalista, que são estruturadas a partir de duas classes: trabalhadores e empresários. Mais recentemente, fez-se a inserção do psicanalista em instituições de saúde pública e outras áreas de serviço público oferecido pelo Estado, o que parece ter beneficiado tanto a população quanto os profissionais.

Porém, é preciso estar alerta, pois, assim como Midas tinha o dom de transformar em ouro tudo o que tocava, o capitalismo converte em mercadoria tudo o que se insere em seu âmbito:

Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho [no capitalismo] não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador, como uma mercadoria. (Marx, 1932 [1844]/2004, p. 80)

Ainda que o ofício do psicanalista seja orientado pela ética do desejo, pelo discurso do analista e pelo real, o discurso capitalista é uma ameaça sempre presente de cooptação e de destruição de sua ética e discurso por aqueles que lucrariam ao transformar o processo de análise e uma pseudoformação de analistas em mercadorias lucrativas. E, citando Marx novamente: “O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria” (Marx, 1932 [1844]/2004).

A aceleração da crise do capitalismo a partir dos anos 1970 implicou um abalo no modelo de trabalho baseado no emprego formal, em que havia: a) representações sindicais com relevância social; b) negociações setoriais como âmbito em que se desdobrava o conflito entre as classes; c) articulação entre a identidade dos cidadãos e sua ocupação profissional. Tudo isso vem desaparecendo aceleradamente com os novos modelos neoliberais, que maximizam a exploração por meio da assim chamada *uberização*, com a consolidação do trabalho sob demanda e a dependência de plataformas digitais para execução das atividades de trabalho e de formação profissional. E isso tem resultado em precarização, eliminação de direitos e transferência de riscos e custos para os trabalhadores (Abílio, Amorin, & Grohmann, 2021).

Não é mais uma novidade o surgimento de clínicas privadas funcionando como empresas, que encaminham para psicanalistas pacientes captados a partir de convênios com empresas privadas de planos de saúde. Esses psicanalistas incumbem-se do tratamento em troca de uma porcentagem do pagamento realizado, ou de uma remuneração reduzida e depreciativa.

Em paralelo a isso, a pseudoformação de psicanalistas em cursos precários com objetivos meramente pecuniários, que sempre aviltou o verdadeiro sentido do que é a formação psicanalítica, agora se tem multiplicado aceleradamente, com uma explosão de cursos inteiramente *online* por meio de plataformas digitais.

Tudo isso sem contar a farsa da criação de falsos conselhos de psicanálise, ordens nacionais e sindicatos de psicanalistas, sempre acompanhados de propostas de formação em psicanálise por parte de entidades torpes, que recebem o opróbrio das instituições psicanalíticas socialmente reconhecidas.

A mercadorização (ou pior, a uberização) do ofício e da formação de analista coloca em risco a real vocação da psicanálise, em uma época histórica em que as singularidades dos sujeitos e de seus desejos não encontram espaço favorável na atmosfera social nem nas concepções das ciências e práticas ditas humanas. E essa mercadorização pode eliminar a subversão que o discurso do psicanalista sustenta, em seu compromisso de desconstruir a farsa de que as mercadorias (*latusas*) podem suturar a fissura do discurso capitalista e dar tratamento relevante para o mal-estar estrutural do existir. É imprescindível que o problema seja objeto de importante e cuidadosa atenção por parte dos psicanalistas e de suas legítimas instituições.

## Referências bibliográficas

- Abílio, L. C., Amorim, H., & Grohmann, R. (2021, maio-agosto). *Uberização e plataformação do trabalho no Brasil: conceitos, processo e formas*. *Sociologias*, Porto Alegre, 23(57), 26-56.
- Cottet, S. (1989). *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1982)
- Frente em Defesa da Universidade e da Ciência (2021). *Nota de repúdio à oferta de curso de bacharelado à distância em psicanálise*. Recuperado em 30 de abril, 2023, de <https://larvatusprodeo.com.br/index.php/2021/12/22/nota-de-repudio-a-oferta-de-curso-de-bacharelado-a-distancia-em-psicanalise/>
- Freud, S. (1980). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Lacan, J. (1972). *Conférence à l'Université de Milan, le 12 mai 1972*. Recuperado em 30 de abril, 2023, de <http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psych/psysem/italie.htm>
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Marx, K. (2004). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1932 [1844])
- Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras (2001). *Manifesto de entidades brasileiras em psicanálise*. Recuperado em 30 de abril, 2023, de <https://www.campolacaniano.com.br/manifestos/manifesto-de-entidades-brasileiras-de-psicanalise/>
- Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras (2021). *Manifesto articulação contra bacharelado em psicanálise*. Recuperado em 30 de abril, 2023, de <https://www.campolacaniano.com.br/manifestos/articulacao-contra-bacharelado-em-psicanalise/>
- Pacheco Filho, R. A. (2015). Compra um Mercedes Benz prá mim? *Psicologia Revista*, São Paulo, 24(1), 15-44.

**Recebido:** 01/12/2022

**Aprovado:** 15/12/2022